

OS COMUNISTAS 27-65;
57

CHAMAM-ME a atenção para um artigo do sr. Jacob Gorender na «Imprensa Popular» em que há referências a uma de minhas crônicas sobre a questão do petróleo. Diz ali o sr. Gorender que eu, citando as forças que sustentam a tese nacionalista, cometi a injustiça de omitir a presença da classe operária.

Na realidade, se não fiz referência expressa aos operários não os omiti; eles estão incluídos naquelas forças populares que eu disse terem sido mobilizadas pelos políticos, jornalistas e intelectuais. O sr. Gorender afirma, e eu não o contradigo, que o Partido Comunista teve um grande papel nessa mobilização. Ora, os quadros de militantes do PCB agiram exatamente em função de seus políticos, jornalistas e outros intelectuais; êsses é que influíram sobre a massa a favor do monopólio estatal, como tinham influído a favor do engenheiro Fiuza, por exemplo. O que o sr. Gorender talvez não perceba é que, ao mesmo tempo que contribuíram, e muito, para tornar popular a idéia do monopólio estatal, os comunistas também a prejudicaram em muitos setores populares, devido exatamente ao seu apoio. Para muita gente não apenas da camada mais próspera como também do proletariado, e principalmente da classe média, o apoio comunista torna qualquer tese suspeita. Isto é apenas um fato, que estou referindo e não discutindo.

O sr. Gorender diz que só por leviandade poderia eu aludir aos interesses da política soviética; para ele o nacionalismo comunista seria nascido aqui mesmo, não teria essa origem. Pergunto-lhe então que pensa do nacionalismo húngaro; ainda será capaz o sr. Gorender de sustentar com sinceridade que a revolução húngara foi obra de latifundiários e agentes imperialistas, quando todas as evidências mostram que foram as organizações operárias que a dirigiram com apoio maciço da população?

Quanto à antiga atitude comunista no assunto do petróleo não é exato o sr. Gorender quando, ao enumerar os projetos apresentados pela bancada comunista em 1947, diz que eles estabeleciam «em torno da iniciativa estatal e privada todo um sistema de defesa dos interesses brasileiros contra a ação dos trustes internacionais». Convido-o a reler com atenção os projetos 382 e 412 e verificar se não tem razão Gondin da Fonseca ao mostrar que eles — principalmente o primeiro — tornariam extremamente fáceis as manobras dos trustes, embora certamente por inadvertência.

O verdadeiro nacionalista tanto admite o nacionalismo na Guatemala quanto na Hungria. Nacionalismo como o entendo não é ódio ao estrangeiro, xenofobia, e muito menos ditadura; é simplesmente defesa dos interesses do povo de cada país contra a exploração econômica ou (e) a opressão política por parte de outras potências. Esse nacionalismo defensivo é o que é necessário ao Brasil. Ele deve ser objetivo, prático, e não místico. Nada me desgosta mais que o primarismo dos anti-comunistas que vêem tudo da Rússia como obra de capetas ou o tom longamente adotado pela «Imprensa Popular» divisando em tudo que é norte-americano corrupção, imperialismo, bestialidade, ignorância.

Tenho visto os comunistas no Brasil lutarem ao lado dos democratas contra o fascismo e também já os vi ao lado da ditadura contra os democratas. Embora não seja um político militante dou às vezes meus palpites; e prefiro tomar posição tanto em questões políticas como econômicas sem ligar ao fato de estar me colocando contra ou a favor dos comunistas. Assim acontece nesta questão do petróleo. Embora muito enfraquecido, o Partido Comunista ainda tem força, organização e habilidade para atuar em uma campanha de massas. Que o faça no caso do petróleo, mas sem pretender, como é seu vezo antigo, prejudicar uma boa campanha com palavras de ordem «a reboque» sobre assuntos que só interessam realmente sua política própria ou suas vinculações internacionais.